

DA SENSORIALIDADE À SIMBOLIZAÇÃO

DE LA SENSORIALIDAD
A LA SIMBOLIZACIÓN

FROM SENSORIALITY
TO SYMBOLIZATION

Regina Orth de Aragão
Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro
ORCID: 0009-0004-7773-7497
reginaortharagao@gmail.com

Data de Recebimento: 14-05-2024
Data de Aceitação: 11-10-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Orth de Aragão R. (2024) DA SENSORIALIDADE À SIMBOLIZAÇÃO
Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.8
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

DA SENSORIALIDADE À SIMBOLIZAÇÃO¹

¹ Texto referente à palestra apresentada na Jornada O Infantil, do Instituto Horizontes, em 15 de maio de 2021. Porto Alegre – RS – Brasil.

Regina Orth de Aragão²

² Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica com Crianças, PUC/RJ

Resumo: O artigo trata dos fundamentos da constituição psíquica a partir do ângulo da sensorialidade, tal como ela é experimentada pelo infante nas suas relações com seus cuidadores primordiais, em geral a mãe. E interroga como se dá a passagem da experiência sensorial, gradualmente integrada nas ligações psique/soma até chegar à simbolização, abordando os conceitos de Eu-pele, pele psíquica e ritmicidade conjunta.

Palavras-chave: processos de subjetivação, sensorialidade, simbolização, corporeidade, constituição psíquica.

Resumen: El artículo aborda los fundamentos de la constitución psíquica desde el ángulo de la sensorialidad, tal como la experimenta el infante en sus relaciones con sus principales cuidadores, generalmente la madre. Y cuestiona cómo transcurre la experiencia sensorial, integrándose paulatinamente en las conexiones psique/soma hasta llegar a la simbolización, abordando los conceptos de Yo-piel, piel psíquica y ritmicidad articulada.

Palabras clave: procesos de subjetivación, sensorialidad, simbolización, corporalidad, constitución psíquica.

Abstract: The article deals with the foundations of the psychic constitution from the angle of sensoriality, as it is experienced by the infant in its relationships with its primary caregivers, generally the mother. And it questions how the sensory experience passes, gradually integrated into the psyche/soma connections until symbolization is reached, addressing the concepts of I-skin, psychic skin and joint rhythmicity.

Keywords: processes of subjectivation, sensoriality, symbolization, corporeality, psychic constitution.

O nascimento do psiquismo e o nascimento do objeto são indissociáveis, o psiquismo se constitui ao mesmo tempo em que o objeto ganha, paulatinamente, o estatuto de existência para o sujeito. Uma questão crucial em relação aos processos de subjetivação é a de compreender como se dá a passagem das inscrições e dos vividos no corpo, no registro da sensorialidade, para o registro do psiquismo propriamente dito, relacionado com as capacidades de representação e de simbolização.

O bebê constitui sua subjetividade a partir de suas experiências corporais. Winnicott (1949) enfatiza a importância do processo de personificação, que implica o estabelecimento de ligações entre a psiquê e o corpo. Muitas experiências sensoriais e corporais do bebê nascem em torno dos cuidados, nos quais a criança é objeto de investimento de seu objeto primordial, em geral a mãe. Nessa experiência inicial prevalece a ilusão temporária de uma indiferenciação entre o fora e o dentro. O processo de subjetivação no bebê se faz então pela aceitação e apropriação de suas experiências sensoriais, mas também pela apropriação das experiências sensoriais partilhadas com os adultos de seu ambiente. Trata-se então de tentar compreender como os primeiríssimos laços psíquicos, especialmente aqueles que emanam da sensorialidade, intervêm nos processos de subjetivação.

Em um bebê a experiência sensorial passa a ser um fator subjetivante na medida em que se dá uma adequada integração de suas polisensorialidades com o papel rítmico integrador do ambiente materno (Golse, 2006) e que ele pode experimentar a vivência de um pleno compartilhar afetivo (Ciccione, 2007). Nesse tempo dos laços iniciais os sujeitos e objetos psíquicos, compreendidos como componentes de uma relação objetal, não estão ainda constituídos no bebê. Eles se organizarão como tais a partir desses primeiros vínculos, assim como irão se definir os espaços internos e externos. Nesse primeiro momento, o objeto não existe para o bebê enquanto outro, sendo investido de uma maneira totalmente narcísica.

Além disso, no bebê muito pequeno as experiências psíquicas se mostram pouco integradas, não coordenadas. A subjetividade se compõe a partir de forças, impulsos e movimentos sentidos inicialmente de uma maneira difusa, e são os aspectos quantitativos, de intensidade, que predominam sobre os aspectos qualitativos. O campo das representações, que podem ligar os afetos, não está constituído ainda. Bion (1979) propõe que é a capacidade de revêrie materna e sua função alfa que irão pouco a pouco permitir que esses dados sensoriais brutos possam tornar-se produções representativas, internalizadas e metabolizadas gradativamente pelo psiquismo nascente do bebê. Essa capacidade do psiquismo materno de contenção e de transformação leva-a a metabolizar e transformar as primeiras produções ou proto-produções psíquicas de seu bebê a fim de torná-las utilizáveis por ele. Essa função materna necessita uma identificação primária com seu bebê, a quem a mãe empresta seu aparelho para pensar pensamentos, isto é, seu aparelho para tornar pensáveis pela criança seus primeiros pensamentos, impensáveis por ela sozinha.

No entanto, o estudo das sensorialidades é ainda relativamente recente na psicanálise, e são em parte as contribuições da clínica dos primórdios e os estudos sobre o psiquismo perinatal que têm contribuído para seu desenvolvimento. As sensorialidades podem ser descritas como o conjunto das experiências psíquicas que se expressam em torno dos órgãos dos sentidos. A. Konicheckis (2008) propõe considerar a sensorialidade como o complemento libidinal da percepção, sua face afetiva.

O sensorium se forma essencialmente sobre as superfícies de encontro entre partes do corpo e objetos do mundo externo, e encarna toda a ambiguidade da noção de 'partilha', ao mesmo tempo encontro e separação. Fenômeno de contato entre o fora e o dentro, portanto, a sensorialidade comporta igualmente os laços que se estabelecem entre a psique e o soma (KONICHECKIS, 2008, p. 6).

As primeiras experiências sensoriais do bebê são fragmentadas e descontínuas, e será a atividade psíquica que deverá ligá-las. As satisfações ou as inadequações de parte dos adultos que cuidam do bebê, por falta ou por excesso, são experimentadas por ele como uma experiência sensorial. A pele ganha aqui uma importância muito grande, pois possui a faculdade de conter e de ligar todos os órgãos dos sentidos, e favorece assim a constituição de uma integração, como afirmam E. Bick (1968) e D. Anzieu (1985). Não é possível supor no bebê experiências que se passem fora da sensorialidade. E como afirma Golse (2002) os sentidos despertados confirmam a presença de um objeto.

Sensorialidade fetal

Por outro lado, numerosos trabalhos têm demonstrado a existência de uma sensorialidade fetal. Está claro atualmente que os cinco sentidos humanos se desenvolvem seguindo uma ordem invariável durante a vida intra-uterina: em primeiro lugar o tato, depois o olfato e o paladar, em seguida a audição e finalmente a visão. Além disso, as pesquisas concordam em que, mesmo se todos não alcançam a maturação antes do nascimento, esses sistemas sensoriais já se mostram funcionais ainda no útero. Também, os estudos das últimas décadas sobre a vida intra-uterina evidenciaram a existência de uma percepção pelo feto de elementos de seu ambiente, tanto intra-uterino como externo. (Busnel & Herbinet, 1982).

No embrião o desenvolvimento se dá seguindo o ritmo da embriogênese. O embrião, depois feto, adquire progressivamente as grandes funções biológicas cuja maturação pode ser verificada pela observação e pela medida das variações e ondulações rítmicas. Esse desenvolvimento se dá acompanhado do ritmo regular dos batimentos cardíacos maternos, e pela sustentação tônica da parede uterina que transmite e amortece as mensagens proprioceptivas e sonoras através do líquido amniótico.

A precocidade do desenvolvimento do tato aponta-o como o primeiro órgão de transmissão das informações sobre o mundo, o que leva Prat (2007) a supor que seja a primeira base do desenvolvimento psíquico. As informações sobre o mundo se fariam em termos de presença/ausência do contato. A pele então é o primeiro dos órgãos dos sentidos e também o maior de nossos meios de comunicação com o exterior. A singularidade da pele como órgão dos sentidos em relação aos demais é a sua reciprocidade: ao tocar também se é tocado, o contato supõe e inclui o encontro e essas são as primeiras sensações percebidas no desenvolvimento do embrião.

Desde o início da vida, as primeiras experiências sensíveis são então inscritas em uma dualidade e feitas da alternância entre 'estar em contato' e 'estar sem contato'. Elas são indissolavelmente ligadas à ritmicidade dos encontros com o que se tornará o outro, à medida que progride o desenvolvimento, mas que está presente no plano sensorial desde a origem (PRAT, 2007, p. 106).

Segundo a concepção de Prat (2007), as primeiras excitações que deverão ser transformadas vêm dos elementos tácteis, na alternância entre contato/perda de contato, criando um modelo de base, que será o protótipo para os demais órgãos dos sentidos, os quais virão alargar a paleta das modalidades perceptivas ligadas a estar em contato/estar sem contato. Nessa concepção, o ritmo primordial é o da presença e da ausência do outro, provavelmente vivido nas experiências arcaicas de 'seguro/deixado', cuja alternância vai demandar uma organização que restabeleça a continuidade. Esse ritmo primordial do 'seguro/deixado' vai também se manifestar nas demais atividades sensoriais quando elas se tornarem funcionais, a olfação, o paladar, a audição e finalmente a visão, que permitirão manter o contato com o objeto à distância.

Essas hipóteses buscam elucidar quais traços sensoriais experimentados pelo feto poderiam pré-figurar uma relação de objeto, a partir de primeiros registros parciais e arcaicos. É nesse sentido que também a proposição de S. Maiello (2000) tem um grande interesse, ao sugerir que as discontinuidades da voz materna, que chegam ao feto através da parede abdominal e uterina, lhe forneceriam uma pré-forma da experiência posterior da alternância ausência/presença do objeto na vida pós-natal.

Maiello (2000) propõe que o encontro com os sons permite ao feto experimentar as diferenças entre os ruídos de fundo, regulares e permanentes e os sons aleatórios. A percepção da voz materna poderia representar a primeira experiência de alteridade do feto durante a vida pré-natal, já que ele não tem nenhum poder sobre sua presença ou sua ausência. A partir de seus trabalhos sobre os bebês e os dados da vida fetal que mostram que os bebês percebem os ruídos um mês antes de perceber as vozes, Maiello (2000) considera que "os momentos iniciais da emergência e da diferenciação do aparelho mental em relação ao estado primordial de união fusional psicofísica são aqueles ligados à dimensão acústica".

Sabemos que no útero o feto percebe alguns sons, que certamente ele tem dificuldade em discernir se são internos ou externos, já que esses últimos também chegam a ele pelo corpo materno. Mas alguns sons são regulares e ritmados, como os ruídos do coração materno, outros são irregulares, como os ruídos digestivos, porém os sons de fora são obviamente irregulares e imprevisíveis (barulhos do ambiente externo, vozes de adultos e especialmente a voz materna). Para S. Maiello (2000), a irregularidade da percepção da voz materna prefiguraria a problemática da ausência e da presença que irá tomar forma de modo central após o nascimento, durante o processo de diferenciação sujeito/objeto que a criança irá viver.

Sensorialidade e psiquismo

O ser psíquico do sujeito bebê poderia ser definido pela intensidade de suas sensorialidades, que instauram um espaço pessoal e fundador do sentimento de si. Elas tratam de uma experiência íntima, única para cada bebê e dificilmente transmissível. O sensorium delimita e cria uma espécie de cartografia que permite estabelecer os limites, as fronteiras, as diferenciações entre si e os outros a partir de uma experiência interna, própria, pessoal, múltipla e variada. Antes do nascimento a criança é envolvida por um meio que produz sensações cenestésicas, auditivas e gustativas. Depois do corte do nascimento, a criança reencontra sensações que estarão em relativa continuidade com aquelas que ela sentia antes: o tom das vozes, a cadência dos movimentos, os batimentos cardíacos e os ritmos corporais. Nos momentos de afastamento do objeto o que a criança perde não é a figuração da pessoa de sua mãe, mas sim as experiências sensoriais que ela partilhava com a mãe. O sentimento de identidade pessoal se cria então a partir da atividade psíquica sensorial, e Konicheckis propôs a noção de identidade sensorial (Konicheckis, 2000) referindo-se a essas características das experiências sensoriais que compõem pouco a pouco a identidade própria de cada ser.

Assim, o bebê cria seu conhecimento dos objetos pelos efeitos sensoriais que eles provocam, pois no início ele sente as sensações e as modalidades perceptivas, e não o objeto do qual elas emanam. O materno, enquanto qualificativo, precede a formação psíquica da representação da mãe. Lembramos que em seu texto sobre a negativa, Freud (1925) afirma que o julgamento de atribuição, que diz respeito às características do objeto, precede o julgamento de existência, o que decide se o objeto existe ou não na realidade externa.

Myriam David (2014) sustentava que nos primeiros anos de vida da criança sua motricidade espontânea e as vivências sensoriais de seu corpo permitem a ela toda uma série de descobrimentos. A atividade psíquica do bebê estaria contida e se exerceria a partir de sua sensório-motricidade, ambos os fatores estando em contínuo processo de integração para desenvolver o psiquismo. Em suas palavras:

Por psiquismo eu entendo essa força interna que habita em nós, misteriosa, invisível e impalpável, em atividade perpétua e permanente,

em busca de processos de “funcionamento”, de “regulação”, de “organização”. Durante os primeiros anos, o que se dá com o psiquismo também se dá com o desenvolvimento motor do bebê. É ele mesmo, e somente ele, o bebê, que o elabora a cada dia, “a pequenos passos”, utilizando os recursos que lhe são oferecidos gradualmente, de um lado pelo estado de desenvolvimento e pela integridade de seu aparelho neuro-sensório-motor, e, é claro também, por seus encontros interativos e intersubjetivos com o ambiente próximo, material e humano, do qual ele “se” alimenta. Para fazê-lo, o bebê dispõe dessa única, mas extraordinária ferramenta que é seu aparelho neuro-sensório-motor no estágio de desenvolvimento no qual ele se encontra (DAVID, 2014, p.280).

Essa força de atividade permanente e dinâmica em busca de processos de organização e ligação tem como ponto fundamental o encontro com o outro, com as características de sua ritmicidade e narratividade. Esse início da vida é de certa maneira o reino da sensorialidade, da motricidade e do ritmo, ancorados no corpo e no contato com o outro.

Partimos da base de uma sensorialidade inata do bebê que une o interior e o exterior por intermédio dos órgãos sensoriais e das excitações que recebem e geram sensações. Essa sensorialidade primitiva configuraria fluxos sensoriais (D. Houzel, 2002) inicialmente indiferenciados. As excitações serão diferenciadas, coordenadas e integradas pelo papel do outro subjetivante, que ao refleti-las, espelhá-las e traduzi-las, possibilitará que se crie uma ‘ritmicidade conjunta’ no vínculo. É o ritmo que funcionará como organizador dessas polisensorialidades. (Golse, 2010). Um dos pontos a enfatizar nos estudos sobre o bebê é a relativa discrepância entre, de um lado, sua “aptidão” sensorial, e, de outro, sua “incompetência” motora, o que parece levá-lo a precisar, literal e metaforicamente, do corpo, dos braços do outro. Dentro do campo da psicanálise, lembramos Winnicott, que ao descrever a função materna, serve-se de um vocabulário corporal quando fala em “holding”, em “handling” como meios fundamentais para dar ao bebê humano sua consistência numa continuidade de existir.

As conceituações de Didier Anzieu (1985) sobre o Eu-pele e o envelope psíquico, e de Esther Bick (1968) sobre a pele psíquica oferecem modelizações interessantes a respeito dessa passagem entre sensorialidade e simbolização. As duas noções, de envelope psíquico e de pele psíquica, apontam para o papel da função continente do objeto externo internalizado.

Anzieu (1985), ao propor a noção de “Eu-pele”, busca reintroduzir dentro do campo teórico da psicanálise a dimensão do corpo, considerado por ele como estando recalcado no pensamento psicanalítico. O Eu-pele teria uma dupla origem, epidérmica e proprioceptiva, e a partir dela estabelecem-se as primeiras barreiras defensivas que filtram as trocas, tanto internas quanto com o mundo externo. Foi definido por Anzieu (1985) como uma figuração da qual o Eu da criança se serve durante as fases precoces do seu desenvolvimento para se representar a si próprio como

Eu contendo os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo...isso corresponde ao momento em que o Eu psíquico se diferencia do Eu corporal no plano operativo, mas permanece confundido com ele no plano figurativo (ANZIEU, 1985, p.39).

As três funções principais do Eu-pele foram definidas no artigo de 1974, (Anzieu, 1974) e correlacionadas diretamente com as proposições de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo e as funções da mãe. A primeira dessas funções é a da manutenção do psiquismo, ligada ao fato de a pele sustentar os músculos e o esqueleto, e se desenvolver por interiorização do holding materno. A segunda relaciona-se com o fato de a pele recobrir todo o corpo, assim o Eu-pele envolve o psiquismo e o contém, desenvolvendo-se igualmente pela interiorização do handling materno. A terceira função é a de proteção contra os estímulos externos excessivos, função de para-excitação.

Na leitura de R. Roussillon (2007) a problemática central tratada pelo Eu-pele é aquela da diferenciação eu/não-eu, já que sua função é a de oferecer uma primeira forma de delimitação entre o Eu e seu ambiente. A segunda diferenciação tratada pelo conceito é a que se dá entre o Eu psíquico e o Eu corporal, porém esses processos não podem se passar, lembra Roussillon, “sem um tempo prévio, o da construção de uma pele comum entre a mãe e o bebê” (Roussillon, 2007, p. 95). Essa pele comum é diretamente dependente da qualidade dos cuidados maternos, e das satisfações dadas à pulsão de apego e à comunicação precoce que ela subentende. Está aqui assim em primeiro plano o registro sensório-motor, sendo esta uma primeira forma de ‘compartilhar de afetos’.

No que diz respeito à dimensão da reflexividade, o desafio primeiro colocado pelo Eu-pele seria justamente o de (se) sentir, e o bebê aprenderia a (se) sentir a partir da maneira com a qual ele é sentido por seus objetos primordiais; em seguida, tratar-se-ia do se ver, e também aqui o bebê aprenderia a se ver a partir da maneira como ele é visto. O mesmo valeria para ser ouvido e se ouvir. D. Anzieu (1985) enfatiza que a pele representa o primeiro modelo da reflexividade, pois ao tocar o sujeito percebe-se de fora pela parte que toca, e de dentro pela parte que é tocada. Para Roussillon (2007), “o interesse do paradigma da reflexividade é o fato de abrir sobre a questão do lugar do objeto no nascimento e nas formas” (Roussillon, 2007, p. 101) que ele apresenta. “Se a forma “se sentir” é a primeira da reflexividade, como pensar aí o lugar do objeto?” (Roussillon, loc. cit.). A partir da suposição da ‘pele comum’ desempenhando uma regulação ‘transicional’ no seio da unidade dual mãe-bebê, pode-se completar descrevendo a função do objeto na passagem da sensório-motricidade inicial ao afeto sensório-motor, que adquire valor de mensagem. Esse compartilhar sensório-motor opera por meio de micro trocas e ajustamentos micro posturais entre o bebê e a mãe, e poderíamos completar que ele opera também a partir da ritmicidade conjunta que se constitui entre ambos, e “permite dar progressivamente à experiência sensorial o valor de uma mensagem, e, portanto, de um “significante” psíquico” (Roussillon, 2007, p. 102).

É a passagem progressiva da experiência corporal ao estatuto de mensagem intersubjetiva que me parece estar na origem do descolamento da pele a pele inicial, do descolamento da pele de um e da pele do outro, ao mesmo tempo em que se opera a passagem e a transformação do propriamente corporal à representância psíquica, que será, ela, capaz de se perceber como representação psíquica, como representação de si ou de momentos de si (ROUSSILLON, 2007, P. 102).

Assim se daria a passagem do Eu-pele corporal ao Eu-pele psíquico, representante do envelope psíquico do sujeito, e também do encontro com o objeto. Essa compreensão proposta por Roussillon (2007) descreve exatamente o deslizamento do corpo para o psíquico, para o campo das primeiras representações, nos processos iniciais de diferenciação entre o sujeito e o objeto.

Podemos constatar que a abordagem de Anzieu remodelou nossa concepção do psiquismo em relação à experiência sensorial e à continência psíquica do outro, primordial para que o sujeito constitua seu envelope psíquico. O Eu-pele metaforiza assim, ao mesmo tempo, a intimidade sensorial e a função materna.

Antes de Anzieu, mas na mesma perspectiva que enfatiza a relação do corpo com a constituição do psiquismo da criança, Esther Bick (1968) havia proposto a noção de “pele psíquica”, objeto continente introjetado pelo bebê que delimita as fronteiras entre o interno e o externo. Segundo essa concepção, a função primária da pele do bebê é a de unir as partes do corpo ainda não diferenciadas e não integradas. Em sua forma mais primitiva essas partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma ligação entre si e são mantidas unidas passivamente pela pele funcionando como limite. Essa função de contenção das partes não-integradas do bebê depende da introjeção inicial de um objeto externo, (mãe/seio), que dará lugar à fantasia dos espaços interno e externo. O objeto continente introjetado é experimentado como uma pele – tem a função da “pele psíquica”, limite e fronteira entre o interno e o externo. Apenas mais tarde a identificação com essa função do objeto substitui o estado não-integrado e dá origem à fantasia de espaços internos e externos, e só então a criança poderá se servir dos mecanismos de cisão e idealização. Até então a identificação projetiva segue sendo o mecanismo psíquico dominante.

Esther Bick (1968) propõe elementos para a diferenciação entre os estados de não-integração, enquanto experiência passiva de total desamparo, e os de desintegração, que já envolve uma operação defensiva ativa, por meio dos processos de cisão. O desenvolvimento insuficiente dessa função da pele pode ser atribuído a falhas de adequação do objeto, e podem levar ao desenvolvimento de uma “segunda pele”, por meio da qual a criança se mostra numa pseudo-independência, usando inapropriadamente certas funções mentais, com o propósito defensivo de criar um substituto para essa função de pele continente.

Por seu lado, A. Konicheckis aborda a importância do movimento da criança, afirmando que “o movimento corporal se expressa como um fio que liga as excitações esparsas e difusas”. (Konicheckis, 2008, p. 49). Assim, a identificação aos seus próprios movimentos favorece os primeiros sentimentos identitários da criança, de certa forma o movimento comportaria então o berço da representação do objeto A percepção do movimento e da ritmicidade interna vão permitir ao bebê articular suas próprias atividades e movimentos ao ritmo de sua mãe, ou daquele com o qual ele se encontra em relação. Trata-se nesse ajustamento recíproco de uma criação rítmica a dois, cada díade terá seu ritmo próprio, seu estilo temporal. As situações de cuidado corporal, de alimentação, são o protótipo disso: a articulação profunda dos ritmos do bebê e da mãe determina uma dança e uma música que acompanham o texto das palavras. E pelo movimento, o corpo figura e transforma, interpreta e simboliza.

G. Haag (1986), ao estudar a estrutura rítmica do primeiro continente, a mãe, mostrou a importância dessas primeiras articulações da interpenetração dos olhares, dos ritmos e dos corpos como experiências para o bebê se sentir contido nesse envelope primário, condição para a construção do psiquismo. Essa interpenetração rítmica realiza uma relação onde cada aspecto de um é recebido e contido pelo outro numa relação de holding psíquico.

Vemos então como as diversas expressões da sensorialidade, por meio de pré-simbolizações corporais, confirmam e aprofundam o postulado de Freud de que “o Eu é antes de tudo um Eu corporal, ele não é somente um ser de superfície, mas é ele-mesmo a projeção de uma superfície” (Freud, 1923, p. 270).

Essas várias concepções buscam descrever como se constrói o pensamento e a atividade psíquica do bebê no seu próprio corpo: gestos, mímicas, movimentos do bebê sendo ao mesmo tempo indicativos e construtivos da própria atividade psíquica. A observação nos mostra que, nas origens, tudo se passa no corpo e na relação. O corpo do bebê apresenta-se como o teatro privilegiado no qual a experiência, a expressão e a elaboração de seu vivido na relação com o outro se dá, construindo as passagens entre o nível sensitivo-sensorial até a futura simbolização do objeto ausente.

Assim uma das necessidades básicas do bebê é a de ser contido em sua vida psíquica. A partir daí ele vai descobrir a alteridade e desenvolver a capacidade de simbolizar as experiências, o que pressupõe poder lidar com a experiência da ausência do objeto. É importante lembrar que o objeto continente é interativo – a continência se dá no jogo relacional, entre as capacidades perceptivas do bebê e a capacidade materna de sintonia afetiva.

Tudo isso indica que o trabalho psíquico do outro é fundamental para a maneira como a criança vai conseguir, ou não, constituir seus processos de subjetivação e de simbolização. Dito de outro modo, nesses processos iniciais de constituição psíquica, importa não somente a alternância presença/ausência do objeto, mas importam também as características e a qualidade da presença do objeto.

Referências bibliográficas:

- ANZIEU, D. Le moi-peau. Nouvelle Revue de Psychanalyse, Paris, n. 9, p. 195-203, 1974.
- _____. Le Moi-Peau. Paris: Dunod, 1985.
- BICK, E. The experience of the skin in early object-relations. International Journal of Psychoanalysis, Londres, v. 49, p. 484-486, 1968.
- BION, W. R. (1962). Aux sources de l'expérience. Paris: PUF, 1979
- BUSNEL, M.C. e HERBINET, E. – (orgs.). L'aube des sens. Paris: Stock, 1982
- CICCONE, A. Naissance à la pensée et partage d'affects. Conférence au Colloque « Vínculos tempranos, clínica y desarrollo infantil », Montevideo, 31 août 2007.
- DAVID, M. Prendre soin de l'enfance. Toulouse: Érès, 2014.
- FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1923). O ego e o id. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX, p. 73-148.
- _____. (1925) A negativa. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX, p.295-300.
- GOLSE, B. Le bébé à l'épreuve des sens. In: ANDRE J. e BAUDIN M., La vie sensorielle. Paris, P.U.F.. 2002
- _____. L'être-bébé. Paris, Presses Universitaires de France, 2006.
- GOLSE, B.; ROUSSILLON, R. – La naissance de l'objet, Paris: PUF, 2010.
- HAAG, G. Hypothèse sur la structure rythmique du premier contenant, *Gruppo*, n° 2, 1986, p. 45-53.
- HOUZEL, D. L'aube de la vie psychique. Paris: ESF, 2002.
- KONICHECKIS, A. – Identité sensorielle chez le bébé et à l'adolescence. In : GUTTON, P. & GODENNE, G. Troubles de la personnalité, troubles de la conduite. Monographie ISAP. Paris : GREUPP, p. 139-149, 2000.
- _____. De génération em génération: la subjectivation et les liens précoces. Paris, P.U.F. Coll. Le fil rouge, 2008.
- _____. Continuités, discontinuités... de la difficulté à établir des liens psychiques. In : CHABERT, C. (org.). In : Les séparations. Toulouse : Érès, 2013, p. 57-70.
- MAIELLO, S. – Trames sonores et rythmiques primordiales, In: Journal de psychanalyse de l'enfant, no 26, Paris, 2000.
- PRAT, R. - La préhistoire de la vie psychique : son devenir et ses traces dans l'opéra de la rencontre et le processus thérapeutique. In: Revue française de psychanalyse 1/2007, vol.71, p. 97-114. Paris
- ROUSSILLON, R - Paradoxos e situações limite da psicanálise, São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2006.
- _____. Le Moi-peau et la réflexivité. In: Didier Anzieu: le Moi-peau et la psychanalyse des limites. CHABERT, C., CUPA, D., KAES, R., ROUSSILLON, R. (orgs.) Toulouse: Érès, 2007.
- _____. Le transitionnel, le sexuel et la réflexivité, Paris, Dunod, 2008.
- WINNICOTT, D. (1949). L'esprit et ses rapports avec le psyché-soma. In : De la pédiatrie à la psychanalyse. Paris: Payot, 1969, p.66-79.